

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO VIII, Nº 243 - JULHO - PORTO VELHO, 2009.
VOLUME XXV - Maio/Agos
ISSN 1517-5421

Desenho da Capa: Flávio Dutra

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - PUC-RGS
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

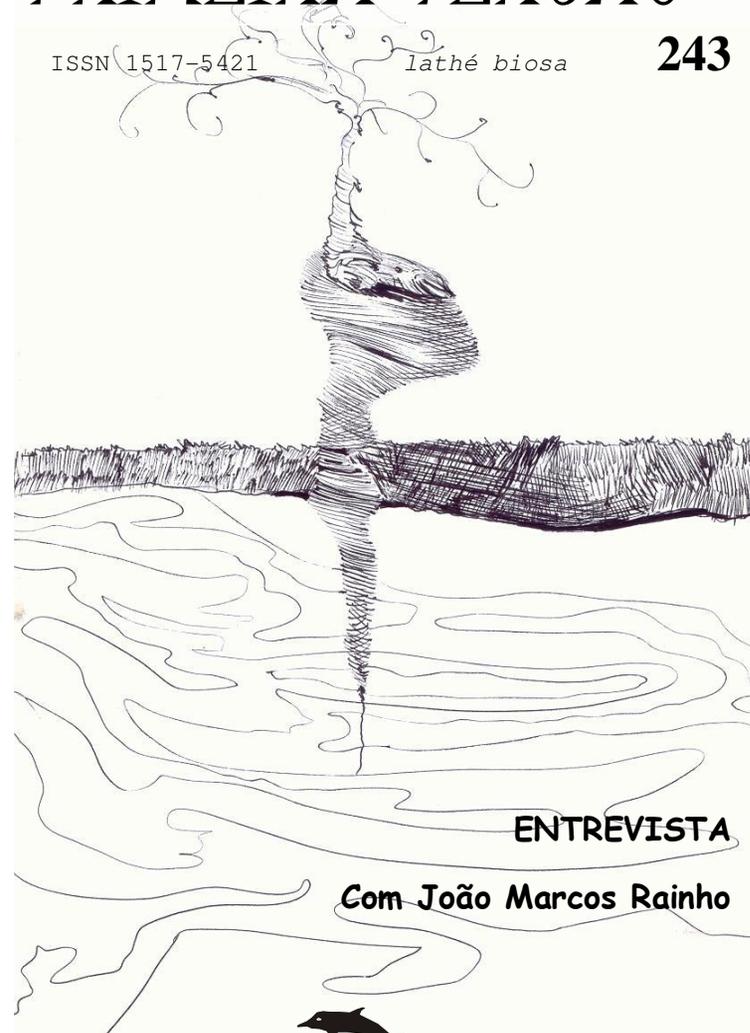
TIRAGEM 200 EXEMPLARES
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

243



ENTREVISTA

Com João Marcos Rainho



Revista Educação, Editora Segmento, número 238

www.editorasegmento.com.br.

Educadora cubana afirma que a construção de uma nova sociedade latino-americana passa pela pedagogia de Paulo Freire

O Brasil está exportando para a América Latina um modelo bem-sucedido de educação. Nada a ver com as atuais mudanças propostas pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), com os sistemas de avaliação ou os processos de modernização através do uso de computadores em sala de aula. Aliás, tudo o que é feito nas classes tradicionais vai na contramão desse modelo, que na verdade não é tão novo assim. Estamos falando da educação popular proposta por Paulo Freire, cuja metodologia está servindo de base para a criação de diversas organizações não-governamentais e incentivando uma nova maneira de enxergar os espaços educativos. Em países que ainda não usufruem um regime democrático no sentido lato do termo e buscam um novo modelo de sociedade, mais justa, igualitária e participativa, a obra de Paulo Freire pode ajudar no processo de transição. O que não deixa de gerar conflitos com o poder local, seja em relação ao estado ou à instituição escola, por promover a reflexão profunda dos sistemas políticos e sociais. É exatamente esse o estágio da educação popular em Cuba, que chegou por ali tardiamente em relação a outros países da América Central e do Sul, e que hoje se orgulha de possuir um dos principais pólos internacionais de formação de educadores - o Centro Memorial Dr. Martin Luther King Jr, cujas oficinas atenderam diretamente 1.500 pessoas desde 1993. Esther Pérez, licenciada em letras e ex-representante de Cuba nas Nações Unidas, coordena a área de educação popular do centro. Ela conversou com a Revista Educação sobre a influência de Paulo Freire em seu trabalho e como um sistema de ensino não-convencional pode ajudar no desenvolvimento de habilidades e competências pessoais tão almejadas pelos métodos "modernos".

Revista Educação - O que são os educadores populares?

Esther Pérez - Educadores populares são pessoas que trabalham com grupos humanos na sociedade. No caso cubano, com organizações populares, governos, programas sociais, como o médico de família, e instituições de diversos tipos, inclusive escolas.

Educação - O "inclusive escolas", significa que esse não é o foco principal do programa?

Esther - Professores participam de nossos programas atualmente, mas no começo o trabalho não estava aberto a eles. A educação popular trabalha com um espaço diferente da escola tradicional e em certo ponto até critica o modelo tradicional do professor todo onipotente de um lado e os alunos passivos, recebendo informações, de outro.

Educação - Qual o objetivo almejado?

Esther - Buscamos o pensamento crítico da sociedade. Trabalhamos com psicologia de grupo, análises de contexto, entre outras técnicas e também ênfase na questão de gênero.

Educação - É possível avaliar os resultados da educação popular?

Esther - Isso é uma questão complexa porque nosso trabalho atinge a subjetividade das pessoas. Não dá para medir em número e sim na qualidade. Percebemos mudanças na prática social mais democrática, a utilização de colegiados para a tomada de decisões e ações efetivas mais perto das reais preocupações da população, com maior capacidade criativa.

Educação - É quase um tipo de terapia...

Esther - Terapia em muitos lugares visa à adaptação das pessoas ao existente. Nosso trabalho, ao contrário, objetiva que as pessoas sejam capazes de transformar o ambiente. É até certo ponto um trabalho político.

Educação - Há um certo choque entre os educadores tradicionais e os adeptos da educação popular?

Esther - Existem preconceitos por parte dos educadores ditos tradicionais e até por nós, pois, como disse antes, no início nossos programas não estavam abertos para professores. Depois mudamos de idéia, pois os professores também são agentes sociais fora do ambiente da escola, eles interagem com outros grupos e é esse tipo de relação que visamos transformar. Mas no caso dos professores formados por instituições tradicionais - com diplomas, passagem pela academia e tudo mais -, eles também costumam enxergar nosso trabalho de maneira preconceituosa e desinformada.

Educação - Qual o motivo?

Esther - Principalmente por uma questão de poder. O que acontece em sala de aula é um jogo de poder onde o professor exercer o domínio absoluto, que é aceito ou não pelos outros participantes. Às vezes com certa passividade ou aceitação total. Tentamos fazer um processo de aprendizagem cuja intenção é desmontar esse poder concentrado, não apenas para que a relação seja mais democrática, mas também para mostrar às pessoas que tudo não passa de um jogo de poder, uma metáfora do que acontece em outros grupos sociais. É cômodo saber que temos poder e pensar que ninguém vai desafiá-lo. Por isso que é mais fácil trabalhar com mulheres em nossos programas. Os homens têm mais medo de repensar esse modelo. Quando trabalhamos com grupos de homens vamos mais devagar na abordagem. A mulher está mais acostumada a compartilhar o poder ou a nem exercê-lo.

Educação - O que acontece exatamente? Os professores têm medo de perder esse poder?

Esther - O preconceito às vezes se expressa em declarações como "se não é um modelo tradicional, com professor de pé na frente da sala e os alunos sentados em fila, não é um modelo sério, é apenas uma brincadeira". Aí convidamos esse professor a experimentar. Perguntamos: "Quer brincar conosco?" A maioria aceita e percebe que não se trata de uma brincadeira.

Educação - Que tipo de informação o profissional de diferentes áreas procura na educação popular?

Esther - Basicamente aprender a trabalhar com pessoas. E de forma democrática, participativa. Logo de início avisamos: uma coisa é tratar o tema da medicina e psicologia no ambiente acadêmico. Outra coisa é atuar com a população. Esse tipo de profissional deve ter conhecimentos em psicologia grupal, social. Eles estudaram formalmente na escola, em nossas oficinas convivem com colegas que não são profissionais e descobrem muitas coisas novas. A troca de experiências entre acadêmicos e instrutores tem sido muito rica. Por isso o preconceito tem diminuído. Um exemplo é o programa Médico de Família, que existe em Cuba. O conceito é de um médico por quadra, ou trecho de um bairro. No convívio com as pessoas em seu dia-a-dia esses médicos descobriram que não exerciam somente a medicina. Atuavam também como agentes sociais, ouvindo os problemas das pessoas, suas queixas em relação ao convívio familiar, a vizinhança, a política. Um profissional atuando nessas condições deve estar preparado. E nós oferecemos formação específica para esse grupo.

Educação - Como vocês trabalham com educação popular em Cuba? Há um modelo próprio?

Esther - A educação popular, a pedagogia Paulo Freire chegou atrasada em Cuba. Foi na década de 80, através do Brasil. E chegou num momento político de profunda autocrítica da sociedade cubana, quando as organizações foram questionadas internamente. Temas como a burocratização, relações das organizações e os movimentos, capacidade de auto-organização e de participação das pessoas estavam sendo discutidos. E nos deparamos com a experiência do trabalho de Paulo Freire no Brasil e na América Central. Encontramos uma pista para começar a responder as perguntas que a sociedade estava pleiteando. Dizíamos: este é um caminho não para produzir as respostas, mas um caminho que poderíamos seguir para encontrar as respostas. Trabalhamos modestamente no início, realizamos intercâmbios e finalmente em 1990 foi decidido que iríamos começar o programa baseado na nossa realidade.

Educação - Que tipo de conteúdo é abordado?

Esther - Temos programas diversos que tratam de desenvolver a educação popular no contexto cubano, que é diferente de outros contextos latino-americanos. Não tratamos de complementar falências do estado, não fazemos educação complementar, porque a totalidade da população cubana é escolarizada. O ensino é obrigatório até o nível secundário. Trabalhamos com pessoas que tenham, no mínimo, essa escolaridade. Não atuamos, por exemplo, com alfabetização de adultos como no Brasil. Trabalhamos mais com a questão da subjetividade, da passividade das pessoas em ler a realidade social em que estão envolvidas e a capacidade de participar de forma mais politizada, protagonista, ativa. Assim, o Centro Memorial Martin Luther King criou o Programa de Formação de Educadores Populares, com a participação de educadores, centros de pesquisas e universidades.

Educação - O governo subsidia esse trabalho?

Esther Péres - Não, nós recebemos cooperação internacional para nossas oficinas e projetos e também nos financiamos com esforço próprio, através da venda de publicações e vídeos. Nossas oficinas são gratuitas. O ensino é totalmente gratuito em Cuba, do fundamental à faculdade.

Educação - Atualmente o trabalho tem se expandido para outros países...

Esther - A princípio, pensamos esse trabalho só para Cuba. Pelo momento que Cuba estava passando com o embargo econômico. A crise econômica nunca vem sozinha, vem junto com a crise de identidade. Fica mais fácil discutir coisas íntimas, dolorosas, quando estamos junto de nossos pares. Entretanto, nos últimos quatro anos recebemos muitas solicitações de pessoas de outros países latino-americanos. Convocamos um seminário de Educação Popular, em 1998, em Havana, com 40 educadores populares da América Latina, inclusive do Brasil. Em 1999, fizemos um encontro em Olinda (PE) e outro na América Central. Nesse momento, pensamos outras possibilidades de formação conjunta, entre as diversas partes da América Latina, para debater a educação popular, as especificidade de cada país e as coisas comuns no processo de formação.

Educação - Até que ponto a educação popular influencia o currículo da escola tradicional?

Esther - A sociedade cubana, como a maioria dos países do mundo, está discutindo uma nova forma de educação que leve o estudante a pensar e não apenas a decorar conteúdos. Essa é uma revolução em curso em nosso país e não está sendo patrocinada pelo Ministério da Educação. Não irá acontecer por decreto. As coisas estão mudando a partir da base, por exigência das comunidades, dos professores e alunos.

Educação - Estamos descobrindo que o ensino pode ser mais que uma mera transmissão de informações...

Esther - A questão é complexa. A educação deve ser muito sofisticada e mais participativa, criativa, deve ser uma manifestação de arte. Minha vida mudou com a educação popular. Paulo Freire foi um iluminado e sua mensagem é muito importante em sociedades em transformação. E tem tudo a ver com a América Latina. Ele propõe uma nova sociabilidade, que deve ser construída a partir de novas formas de relações sociais. Formas mais democráticas, mais participativas, comunitárias, solidárias, menos mediadas pelo mercado, e mais mediada pelo lado humano. Mais inclusivas, respeitando o meio-ambiente, e menos preconceituosa. E que facilitem o desenvolvimento de cada pessoa, que é a condição de desenvolvimento do todo. Quando chegarmos a isso, buscaremos novos objetivos. Não há fim na história nem na cultura. Enquanto houver pessoas no mundo devemos estar permanentemente discutindo e reaprendendo.

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO **Comentários Sobre a Sociedade do Espetáculo**

GUY DEBORD
Editora Contraponto

RESUMO: O primeiro mérito de uma teoria crítica precisa é fazer parecerem ridículas, de imediato, todas as demais. Além disso, uma teoria concebida com a finalidade de se tornar geral deve evitar aparecer como visivelmente falsa; logo, não se deve expor ao risco de ser desmentida pela seqüência dos fatos. Mas também é preciso que seja uma teoria perfeitamente inadmissível. Que ela possa declarar mau, diante da estupefação indignada de todos que o acham bom, o próprio âmago do mundo existente, do qual ela descobriu a natureza exata. A teoria do Espetáculo satisfaz a essas exigências. Com essas palavras, Guy Debord realiza uma das mais impactantes críticas ao final do século XX.

SUMÁRIO: A separação consumada; A mercadoria como espetáculo; Unidade e divisão na aparência; O proletariado como sujeito e como separação; Tempo e História; O planejamento do espaço; A negação e o consumo da cultura; A ideologia materializada; Comentários sobre a sociedade do espetáculo.

Áreas de interesse: História, Filosofia, Análise do Discurso, Política, Economia.

Palavras-chave: História Social, Mudança Social, Modernidade, Século XX.